
Globo 50 Anos de Jornalismo: dos Bastidores da Rememoração à Credibilidade Factual¹

Humberto Junio Alves VIANA²
Christina Ferraz MUSSE³
Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Em 2015, na ocasião de seu cinquentenário, a Rede Globo exibiu programas que visavam rememorar sua trajetória institucional. Um desses programas foi intitulado de "Globo 50 anos de jornalismo" e buscava levar às telas, através do depoimento de dezesseis jornalistas, a atuação da emissora. Nesse contexto, a GloboNews, exibiu um subproduto que visava mostrar os bastidores deste especial do cinquentenário. O artigo que se segue propõe-se, dessa forma, analisar a narrativa do programa tendo como aporte e norte teórico o processo tecnológico de midiaticização jornalística que engloba as seguintes categorias: autorreferencialidade, correferencialidade, descentralização, dialogia e atorização. Os resultados apontaram que as mutações do jornalismo contemporâneo, tendo o programa como referente analítico, agregam valores tais como autenticidade e credibilidade no que tange a narração factual.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; rememoração; midiaticização jornalística; autenticação do real.

Introdução

No dia 26 de abril de 2015, a maior empresa de comunicação televisiva do Brasil, a Rede Globo, completou cinquenta anos de sua fundação. O contexto de seu cinquentenário permitiu à emissora produzir uma gama de programas a fim de exaltar sua importância perante a sociedade brasileira. Um desses programas, "Globo 50 anos de jornalismo", fez um retrospecto da trajetória jornalística da emissora por meio de um diálogo - mesa redonda - que contou com a presença de dezesseis jornalistas renomados e há muito tempo contratados pela emissora.

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFJF, e-mail: vianahumberto.a@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFJF, e-mail: cferrazmusse@gmail.com

Contando com a mediação de William Bonner o programa reuniu os jornalistas Renato Machado, Luís Fernando Silva Pinto, Glória Maria, Tino Marcos, Ilze Scamparini, Galvão Bueno, Ernesto Páglia, André Luiz Azevedo, Caco Barcellos, Francisco José, Pedro Bial, Sandra Passarinho, Orlando Moreira, Fátima Bernardes, Heraldo Pereira e Marcelo Canellas. A série especial foi exibida entre dias 20 e 24 de abril de 2015 ao longo de cinco episódios exibidos no final do Jornal Nacional.

A GloboNews, canal fechado pertencente ao grupo Globo, produziu um subproduto do programa supracitado que foi exibido às 21 horas do dia 25 de abril de 2015. Este mostrava os bastidores do especial do cinquentenário, desde a chegada ao aeroporto até o caminho percorrido pelos jornalistas em que os mesmos aparecem descontraidamente conversando sobre suas experiências de trabalho.

O texto que se segue busca analisar a narrativa deste programa à luz do aporte teórico de Nora (1995), Barbosa (2006, 2016), Soster (2013) e Piccinin (2012). Os dois primeiros descrevem os processos de rememoração no campo das mídias audiovisuais e os outros dois apontam as novas características do jornalismo na contemporaneidade. Dessa forma, pretende-se compreender como a reconstituição memorialística somada a midiatização jornalística influem na credibilidade e autenticação da atuação jornalística da Rede Globo e de seus profissionais. No que tange a metodologia de análise optou-se por utilizar as categorias - autorreferencialidade, correferencialidade, descentralização, dialogia e atorização - propostas por Piccinin e Soster (2012).

Globo 50 Anos de Jornalismo: a rememoração e a construção de um lugar simbólico

O programa especial “Globo 50 anos de jornalismo” apresentou, entre suas principais características, o objetivo de retratar as cinco décadas de atuação jornalística da instituição Rede Globo. De forma clara, o programa buscou trabalhar os conceitos de autenticidade, de superação e de adaptabilidade da emissora durante seus anos de existência.

O contexto de produção e exibição do programa, o ano de 2015, aponta a necessidade de rememoração das sociedades contemporâneas ocidentais (HUYSSSEN, 2000). Essa necessidade data-se do final do século XX e está inserida em diversos setores, desde o “boom” das modas retrô, passando pela comercialização em massa da nostalgia, até a difusão de práticas memorialísticas nas artes visuais.

De acordo com Lipovtsky (2004), as lógicas desta sociedade caracterizam-se pelo nascedouro do “tudo-patrimônio” e do “todo comemorativo”. Celebram-se até o menor objeto do passado, e remobilizam-se as tradições que são estruturadas sobre bases contraditórias. Isso pressupõe um presente que não para de desenterrar o passado. “Dizem de brincadeira que abre um museu por dia na Europa e já se perdeu a conta das comemorações de aniversário dos grandes e nem tão grandes acontecimentos históricos” (LIPOVTSKY, 2004, p. 14). Ainda segundo ele, o que se vê é o reinado do infinito, de um presentismo excessivo em conformidade com o deslocamento da memória à hipermemória, a última caracterizada como uma vontade de rememoração calcada na busca desenfreada por raízes e por ancoragem nos tempos idos.

Neste contexto, as obras do passado já não são contempladas em recolhimento e silêncio, mas sim devoradas em segundos, funcionando como objeto de animação de massa, espetáculo atraente, uma maneira de diversificar o lazer e matar o tempo de forma instantânea. Acima de tudo, na sociedade contemporânea, o antigo e o nostálgico se tornaram argumentos comerciais e ferramentas mercadológicas. “[...] Fazem parte de um processo de construção de poder, no qual o interesse político de dominar o tempo assume papel primordial” (BARBOSA, 2006, p. 18).

Em conformidade com Huyssen (2000), não é mais possível pensar em qualquer trauma histórico como uma questão ética e política séria sem levar em conta os múltiplos modos com que ele está agora ligado à mercadorização e à espetacularização em filmes, museus, docudramas, sites da internet, livros de fotografia, histórias em quadrinhos, ficção, e até contos de fadas e música popular. Esta disseminação da memória é ampla, tanto geográfica quanto politicamente, podendo inclusive ser usada, por exemplo, como mecanismo de legitimação, na “americanização do holocausto” (HUYSSSEN, 2000) ou no discurso narrativo do programa que se propõe analisar.

Com vistas a compreender melhor o conceito de memória, é necessário amparar-se nas discussões estabelecidas principalmente por dois autores: Halbwachs (2006) e Nora (1993). De acordo com Halbwachs (2006, p. 33), “[...] para evocar seu próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade”. A memória passa a ser, então, encarada por ele como um fato social que pode ser demarcado por padrões comportamentais. Isso quer dizer que a memória individual está atrelada aos

diversos grupos sociais que circundam uma pessoa, bem como é a combinação eventual dos diferentes meios dos quais o indivíduo sofre influência.

Contudo, existem motivos para distinguir duas memórias – uma interior e a outra exterior, i.e., uma memória pessoal e a outra social.

A primeira [memória interior] receberia ajuda da segunda [memória exterior], já que afinal de contas a história de nossa vida faz parte da história em geral. A segunda, naturalmente, seria bem mais extensa do que a primeira. Por outro lado, ela só representaria para nós o passado sob uma forma resumida e esquemática, ao passo que a memória de nossa vida nos apresentaria um panorama bem mais contínuo e mais denso (HALBWACHS, 2006, p. 34).

Enquanto Halbwachs (2006) enfatiza a incorporação das memórias pela história conforme essas vão deixando gradualmente de existir a partir do desaparecimento dos grupos que as sustentavam, Nora (1993) defende o que chama de “metamorfose contemporânea”, que significa a inexistência da memória e a sobreposição dessa pela história de maneira ampla.

Segundo Nora (1993, p. 7), “[...] fala-se tanto de memória porque ela não existe mais”. Isso quer dizer que o que se vê na contemporaneidade é o estabelecimento de lugares de memória com o propósito de encarná-las e resguardá-las de um possível esquecimento. Uma sociedade em que o medo da fragmentação memorialística leva ao domínio do patrimônio. Por isso, “[...] se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares” (NORA, 1993, p. 7).

É possível perceber, nesse sentido, que a produção do programa “Globo 50 anos de jornalismo” vislumbrou narrar a trajetória da emissora como uma forma de resguardar memórias ameaçadas pelo decorrer do tempo. Buscou-se, assim, balizar a memória, a fim de resguardar e reafirmar a atuação da Rede Globo ao longo de seus cinquenta anos.

Outro ponto importante é perceber que os discursos cronologicamente situados no passado constroem o presente, uma vez que “[...] a linguagem que articula e sustenta a memória, já por si só inoculadora de valores institucionais, é modelada para reelaborar o passado através do presente” (MOTTER, 2001, p. 2). Dessa forma, o programa de rememoração estimula uma memória nacional, que não é espontânea. Todos os traços, os esquecimentos e os silêncios revelam mecanismos de manipulação da memória coletiva.

E Le Goff (1996, p. 141) resume muito bem tais pretensões. Segundo ele, “[...] tornar-se senhores de memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram ou dominam as sociedades históricas”. Por isso, a partir do momento em que a “Rede Globo” desenvolveu um

programa para mostrar sua trajetória institucional, os telespectadores que o assistiram tiveram contato com um passado recriado à luz de um contexto de produção, em toda a complexidade que isso possa representar.

Inseridas no contexto anteriormente citado, as empresas contemporâneas têm entre suas principais preocupações a preservação memorialística de sua trajetória institucional. Os centros de memória institucional são um espaço relativamente recente, datados dos anos 2000, e utilizados principalmente como estratégia de gestão, como potencializadores de um lugar de fala pautado por experiência e tradição.

Segundo Pazin (2015), um centro de memória é um setor ou unidade de cada instituição que busca reunir, organizar, conservar e produzir conteúdo a partir da memória institucional, utilizando-se tanto de documentação histórica da organização quanto da memória de seus colaboradores e de outros atores caros à sua vida institucional. O aspecto documental é apenas uma parcela da totalidade das informações memorialísticas de uma instituição, pois elas também estão nas pessoas. Parte significativa do trabalho realizado nestes centros é justamente coletar a memória dessas pessoas utilizando diversas ferramentas e metodologias de registro, como a da história oral, com a realização de entrevistas. Este acervo é importante também pelo uso que se pode fazer dele. Isso porque a preservação da memória de uma instituição pode ser o repositório a partir do qual é possível desenvolver projetos, serviços e produtos.

Com este panorama, a Rede Globo, desde a década de 1990, desenvolve o “Projeto Memória Globo”, marcado por uma série de iniciativas das empresas de comunicação do grupo da família Marinho, buscando preservar a memória dos veículos que as compõem. Segundo a emissora, por meio de seu site, os integrantes do projeto fazem diversas entrevistas e pesquisas para a obtenção de informações. Dentre os frutos do trabalho do grupo, destacam-se: (i) o “Dicionário da TV Globo”, que traz em verbetes os programas produzidos pela emissora nos setores de teledramaturgia e entretenimento, lançado em 2003; (ii) o livro “Roberto Marinho”, escrito pelo jornalista Pedro Bial, que traz um perfil biográfico do antigo dono da empresa e jornalista, falecido em 2003; (iii) o livro “Almanaque da TV Globo”, lançado no ano de 2006, com os principais programas desde a sua inauguração; (iv) o livro “Jornal Nacional: a notícia faz história”, lançado em 2004, nas comemorações dos 35 anos do noticiário; (v) o site oficial lançado no dia 7 de junho de 2008, em comemoração aos 43 anos da emissora; e (vi) o livro “Autores: histórias da teledramaturgia”, lançado no final de 2008, com 16 autores da emissora.

Além destes produtos, a emissora também produziu especiais em comemoração aos seus aniversários de fundação. E, em todos os anos, desde 1967, leva às telas o programa de retrospectiva que busca salientar a onipresença da emissora nos vários acontecimentos anuais. As publicações e os produtos audiovisuais citados demonstram que a preservação da memória do grupo Globo possibilitou ganhos mercadológicos importantes, e também a delimitação de um lugar simbólico na sociedade brasileira.

Segundo Pazin (2015), embora seja nova a ideia de que a memória de uma organização possa ser utilizada como estratégia para sua administração, ao longo dos anos, ela tem sido percebida como um fator importante para a reputação das organizações, ao demonstrar como os valores e a missão institucional podem ser responsáveis pelo fortalecimento de sua imagem junto ao público externo. Portanto, rememorar a trajetória de uma instituição, para além de uma necessidade atual, tal como demonstrou Huysen (2000) e Nora (1995), é uma ferramenta de construção simbólica considerada eficiente e importante.

O telejornalismo midiaticizado

Além dos fenômenos mnemônicos emergentes a partir do final do século XX, como já citado, ao longo das últimas décadas a sociedade foi marcada por profundas transformações que dizem respeito principalmente da imersão tecnológica caracterizada pela aceleração dos processos, pela complexificação conceitual e pela produção de novas lógicas do pensar e do dizer. Segundo Piccinin e Soster (2012), todas essas mudanças se refletiram diretamente nas mídias e instauraram mutações significativas no jornalismo contemporâneo.

A este fenômeno mutacional os autores alcunharam midiaticização jornalística. Segundo eles:

O fenômeno da midiaticização olha para a mídia a partir de uma nova lógica em que os dispositivos de comunicação desempenham um papel para além do conceito original de mediadores à atividade humana para compor uma nova ambiência perceptível, sobretudo, pela emergência de novas lógicas operacionais e discursivas. (PICCININ & SOSTER, 2012, p. 119)

Nesse contexto, a mídia adquire uma nova centralidade, um novo bios midiático que fomenta a virtualização das relações e uma nova configuração das relações entre a mídia e a sociedade. Se instaura, dessa forma, novas práticas sociais, midiáticas, culturais

e tecnológicas. E, especialmente falando, as mídias perdem seu lugar de auxiliaridade e passam a influenciar o modo de ser da própria sociedade (FAUSTO NETO, 2008). O fenômeno chamado de midiatização coloca, nesse sentido, produtores e consumidores em uma mesma realidade de fluxos onde conhecer e reconhecer acontecem simultaneamente.

Torna-se importante, portanto, olhar para essa nova realidade e perceber o que muda no que tange ao telejornal e seu entorno, uma vez que, segundo Piccinin e Soster (2012), este abandona sua característica de mediação de falas e passam a ser o próprio dizer em si. Dessa forma, o jornalismo de televisão pode ser apontado como aquele que passa a estabelecer nas suas narrativas e nas suas formas os reflexos de uma sociedade mutante como citado anteriormente.

E, nesse cenário mutante, o conceito e a identificação do que se trata um telejornal vai sofrendo mudanças consideráveis distanciando-se do que foi estruturado e reconhecido como características deste ao longo de seus 60 anos. Instaura-se, então, a descrita midiatização do telejornal. E este telejornalismo novo ocupa lugar diferenciado na processualidade da midiatização uma vez que se reconfigura, complexifica-se e vai requerer gramáticas interpretativas diferenciadas.

Nesse sentido, a fim de compreender a circularidade de natureza sociotecnodiscursiva do telejornal, Soster (2012) (2013) vai elencar cinco categorias: (i) autorreferencialidade, (ii) correferencialidade, (iii) descentralização, (iv) dialogia e (v) atorização. E essas categorias serão o embasamento metodológico que será descrito mais a diante nesse artigo. Ainda a respeito dessa categorização elaborou-se um quadro que permite visualizar as suas conceituações:

I	AUTORREFERENCIALIDADE	Qualidade da mídia contemporânea de referenciar continuamente suas próprias operações. Ou seja, quando o dispositivo faz referência a si próprio e suas ofertas de sentido.
II	CORREFERENCIALIDADE	Ato de valer-se de seus pares com o propósito de referenciar o jornalismo feito por si e pelos outros. Dentro de uma ambiência tecnomidiática os dispositivos midiáticos (jornal impresso, rádio, televisão, web) se interdependem.
III	DESCENTRALIZAÇÃO	Quando o jornalismo contemporâneo opera em uma condição de rizoma possibilitada. Ou seja, rompe-se com a hierarquia de uma

		instituição midiática sobre outra. O telejornalismo, mais especificamente, transforma-se e abandona seu modelo original para tornar-se um composto de todas as narrativas a ele relacionadas em outros suportes.
IV	DIALOGIA	Caracteriza-se como o diálogo entre o sistema midiático e outros sistemas sociais (literatura, artes, religião, etc.). Há a relativização dos limites conceituais na contemporaneidade.
V	ATORIZAÇÃO	Diz respeito do papel exercido pelo jornalista em que se evidencia a sua condição de ator social. Ou seja, o profissional deixa de ser mediador e passa a ser referência da informação em sua condição de testemunha.

Fonte: do autor, 2018.

GloboNews Documento: o reencontro

A GloboNews é um canal brasileiro distribuído por assinatura pertencente ao Grupo Globo que foi pretensamente inaugurado em 15 de outubro de 1996 para transmitir programação jornalística durante as 24 horas do dia. Dentre seus principais produtos estão o Jornal GloboNews, o Jornal das Dez, o GloboNews em Pauta, o Estúdio i e o Conta Corrente. Além dos jornais propriamente ditos a GloboNews também reprisa os programas jornalísticos da Rede Globo, como o Fantástico, o Bom Dia Brasil, o Globo Rural e o Globo Repórter e também possui programas de entrevistas e de variedades como o Entre Aspas, GloboNews Painel, o Via Brasil e o GloboNews Documento. Além disso é um dos canais mais visto na TV por assinatura no país.

O programa GloboNews Documento é exibido quinzenalmente às 21h e seus conteúdos são diversificados com temáticas voltadas para o debate, questões sanitárias ou mesmo reflexões sobre a realidade social brasileira. O programa, objeto de análise deste artigo, foi exibido no dia 25 de abril de 2015 com 49 minutos de duração e teve como temática o reencontro dos principais jornalistas da Rede Globo para a gravação do especial “Globo 50 anos de jornalismo” e por isso o subtítulo do mesmo foi “reencontro”.

Uma das características principais deste programa foi o intento de exibir dos bastidores e de mostrar a trajetória dos jornalistas antes do programa oficial que foi exibido pela Rede Globo durante a semana do cinquentenário. Dessa forma, pode-se

inicialmente ver a chegada de alguns dos repórteres correspondentes internacionais ao aeroporto e o clima frequente é de emoção, de saudosismo e de nostalgia.

Outro aspecto importante a ser salientado é a preocupação da produção do programa em mostrar todo o percurso percorrido pelos jornalistas até a chegada ao estúdio de gravação. Boa parte do programa foi dedicada ao bate papo dos repórteres dentro de uma van que os levava. Nesse caminho os assuntos diziam respeito das suas carreiras, rememoravam os grandes fatos e as grandes coberturas de que fizeram parte, falaram também das dificuldades e das emoções que viveram ao longo de suas trajetórias profissionais.

De forma geral, a narrativa do programa buscou trabalhar conceitos como a missão, a ética, a verdade, o inconformismo do jornalismo enquanto profissão. Os jornalistas aparecem, nesse sentido, enquanto atores em suas vivências pessoais de trabalho. Com esse intuito foram exibidas várias das reportagens dos jornalistas participantes em início de carreira. O tom que marcou toda a duração do programa foi de descontração, informalidade e afetividade. Somado a isso observou-se constantemente a necessidade de enfatizar os bastidores das gravações mostrando equipamentos, câmeras e os profissionais da parte técnica.

GloboNews documento: os reflexos da midiatização jornalística

Como foi descrito anteriormente, o telejornalismo na contemporaneidade passa por um processo de ressignificação e de reestruturação. E, nesse sentido, Piccinin (2015) afirma que essas novas narrativas advindas da instância midiática extrapolam o ato de informar sobre o mundo passando a reconstruí-lo ao seu modo a tal ponto que há a desreferencialização do real. Além disso, a expansão da midiatização transforma os modos de interação e práticas sociais, ou seja, as mídias narram os fatos e simultaneamente dão conta dos processos produtivos que resultam das narrações. O objetivo final é o de autenticar seus discursos em busca de mais audiência.

Com todos esses propósitos a mídia jornalística se volta para si desenvolvendo programas que vão se utilizar de suas próprias narrativas como conteúdo, ou mesmo dos seus bastidores. Nessa perspectiva inicial, que se instaura, na tentativa de manter a legitimidade de suas ações e a vinculação com o público, um jornalismo marcado pela

autorreferencialização, que, de acordo com Piccinin (2015), é acionada na exposição de detalhes da construção dos produtos jornalísticos, especialmente, a partir dos bastidores.

Dentro desta primeira categorização denominada de autorreferencialidade, o próprio “GloboNews Documento: o reencontro” em si é um subproduto autorreferencial pois busca mostrar os bastidores do especial jornalístico do cinquentenário da Rede Globo. Ou seja, a própria produção do programa da GloboNews é marcada completamente pela referência a si próprio em suas ofertas de sentido.

A autorreferencialidade pode ser explicada como a busca constante por credibilidade através de narrativas que dizem da própria mídia. Nesse programa especificamente, os bastidores ganham destaque pois, segundo Soster (2012), autenticam e garantem a veracidade dos fatos e a informalidade da linguagem na medida em que o desenvolvimento do programa, em suas questões técnicas, torna-se conteúdo integrativo do mesmo. Vale destacar também que os momentos de rememoração são paradigmáticos no que diz respeito a essa característica. É nesses momentos que, segundo Barbosa (2006), encontram-se as maiores oportunidades para se falar de si com o intuito de buscar a exaltação.

Outro ponto importante a se destacar em relação à análise do programa é a correferencialidade construída pelas narrativas jornalísticas da contemporaneidade e, em especial, a construída pelo “GloboNews Documento: o reencontro”. Como dito anteriormente a correferencialidade é o ato de valer-se de seus pares a fim de respaldar o jornalismo.

Assim, pautas, reportagens, grandes coberturas partem da instância jornal impresso, rádio, TV, ou web e alcançam os outros dispositivos midiáticos, criando uma circularidade contínua de retornos discursivos dentro do sistema. Ou seja, se diante das múltiplas narrativas midiáticas contemporâneas, o jornalismo e, nele, o telejornal, busca referendar-se pela autorreferencialidade que empresta, sobretudo, credibilidade a si mesmo, também o processo horizontal com seus pares, por assim dizer, opera em sentido semelhante, ainda que com propósito ligeiramente distinto (SOSTER, 2012, p. 124).

Através dessa perspectiva destaca-se que o programa analisado é o subproduto de uma série jornalística especial exibida pela Rede Globo. Portanto, mais uma vez, a própria produção do mesmo caracteriza-se pela correferencialidade por se utilizar de uma outra narrativa, de um outro canal, como matéria-prima de seu conteúdo.

Outra característica bastante importante do jornalismo da contemporaneidade é a descentralização, ou seja, o fim da hierarquia de uma instituição midiática sobre outra.

Segundo Jenkins (2008), há entre as mídias uma convergência que permite que de maneira ampla as histórias sejam contadas, as marcas vendidas e os consumidores têm acesso a múltiplos suportes midiáticos. Quando o GloboNews (canal por assinatura) se utilizou dos bastidores do programa da Rede Globo (canal aberto) há a quebra de hierarquia entre os dois meios. Ou seja, há a convergência entre os dois canais a fim de contar uma história e mostrar os bastidores da mesma.

A essa operação de convergência Soster (2012) vai chamar de operação rizomática no sentido das ramificações que vão consolidando-se entre as mídias da contemporaneidade. O rizoma é possibilitado pela imersão tecnológica pois esta permite a prática ampla de operações convergentes.

A fim de completar a análise, discute-se nesse momento a chamada dialogia enquanto tendência nas narrativas jornalísticas. Percebe-se em várias plataformas que o jornalismo tem se valido de outros sistemas sociais (literatura, cinema, religião, ciências, etc.) para dar conta das novas exigências das audiências. Há, portanto, uma relativização dos limites conceituais na contemporaneidade.

Analisando através desse critério conceitual, o programa da GloboNews traz entre suas marcas a utilização de depoimentos pessoais dos jornalistas participantes do especial da Rede Globo, além da utilização de arquivos e mesmo dos bastidores. Levando-se em consideração a tradição do telejornalismo ao longo de seus 60 anos, há uma hibridação narrativa no que se refere ao fazer jornalístico.

Por fim, destaca-se a categoria conceitual da atorização jornalística. Esta é a característica preponderante no que se refere ao programa em análise que tem uma estrutura calcada na lógica da espontaneidade e do diálogo. O formato é autorreferencial e o conteúdo também. Os jornalistas assumem um lugar de jornalistas atores no que tange as suas sensações e experiências ao relatar suas trajetórias profissionais. O tom da narrativa é descontraído e afetivo.

De acordo com Piccinin, “há, portanto, um claro descortinamento da antessala do jornalismo, quando o mesmo mostra os fatos e também a receita de suas ações, antes severamente escondidas do público” (p. 289). Ou seja, os bastidores se tornam conteúdo e os jornalistas passam a dizer sobre si, num movimento completamente díspar do que era praticado até então. Dessa forma, pode-se perceber que do jornalista contemporâneo passa-se a ser cobrado o “eu”, o coloquial, o impessoal.

Para finalizar, Soster afirma que,

Mais que especificidades funcionais, entendemos as cinco características identificadas do jornalismo midiático como bioindicadores de um momento de transformação da prática jornalística em suas mais diferentes instâncias. Momento este que requer gramática interpretativa específica e um escopo teórico adequado para dar conta da complexidade do mesmo; em nosso caso, formado pela imbricação das teorias do jornalismo; dos sistemas, nos moldes de Niklas Luhmann (2009), e da narrativa (2013, p. 2).

Considerações finais

O jornalismo contemporâneo passa por mutações importantes e quebra com o modelo tradicional pautado na cartilha americana de produção e exibição de notícias, caracterizada pela extrema formalidade. Instaura-se, dessa forma, novos protocolos que rompem com este modelo pré-existente. O programa “GloboNews Documento: o reencontro” é reflexo paradigmático dessas mutações pois apresenta características da chamada midiatização jornalística.

Ou seja, a mídia desocupou seu lugar de adjacência e assumiu um lugar de centralidade no contemporâneo. Nesse sentido, o telejornal mudou-se e abandonou seu modelo tradicional alterando-se em forma e conteúdo e na sua relação com outras instâncias sociais, técnicas e discursivas.

Portanto, o programa analisado, está intimamente ligado a essas novas formas de comunicação marcadas pelo exercício constante do dizer sobre si, pela convergência midiática, pelo fim da hierarquização dos suportes e, preponderantemente, pela quebra da formalidade onde os jornalistas assumem sua centralidade enquanto atores do processo comunicacional.

Referências

BARBOSA, Marialva. Mídias e usos do passado: o esquecimento e o futuro. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 12, pp. 13-26, dez. 2006.

_____. Meios de comunicação: lugar de memória ou na história? **Contracampo**, Niterói, v. 35, n. 01, pp. 07-26, abr./jul., 2016. Disponível em:
<<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/802>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

FAUSTO NETO, Antônio. **Fragmentos de uma <<analítica>> da midiatização**. Matrizes. São Paulo: n. 2, abril/2008. p. 89-105.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008. 380 p.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora UNICAMP, 1996.

LIPOVETSKY, Gilles & CHARLES, Sébastien. **Os Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MOTTER, Maria Lourdes. **Ficção e história: imprensa e construção da realidade**. São Paulo: Arte & Ciência, Cillipress, 2001.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. São Paulo: Projeto História, n.10, 1993.

PAZIN, Márcia. **A importância dos centros de memória para as instituições e para a sociedade**. 2015. Disponível em: < <http://www.itaucultural.org.br/a-importancia-dos-centros-de-memoria-para-as-instituicoes-e-para-a-sociedade> >. Acesso em: 22 ago. 2017.

PICCININ, Fabiana; SOSTER Demétrio de Azeredo. **Da anatomia do telejornal midiaticado: metamorfoses e narrativas múltiplas**. Brazilian Journalism Research.v. 8, n. 2, 2012. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/427>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

_____. Fabiana; SGORLA, Fabiane. **“Veja como fiz e como faço” – bastidores autenticam o real no Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão**. In: Telejornal e Praça Pública: 65 anos de telejornalismo. Florianópolis: Insular, 2015.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. **Dialogia e atorização: características do jornalismo midiaticado**. In: 10º Encontro Nacional dos Pesquisadores de Jornalismo, 10., 2013, Brasília. Anais... Brasília, 2013.

_____. Demétrio de Azeredo. **O jornalismo em novos territórios conceituais: internet, midiaticação e a reconfiguração dos sentidos midiáticos**. São Leopoldo: Unisinos, 2009. **Tese** (Doutorado em Comunicação). São Leopoldo: Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2009.